



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

CHARLENE GOMES DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA
PARA ALUNOS SURDOS**

CAJAZEIRAS - PB

2018

CHARLENE GOMES DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA
PARA ALUNOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande, no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras com a finalidade de obtenção do título de Graduado no referido Curso.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo

Co-Orientador: Prof^o. Esp. Geraldo Venceslau de Lima Júnior

CAJAZEIRAS - PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

S237e Santos, Charlene Gomes dos.
Educação inclusiva: ensino e aprendizagem de geografia para alunos surdos / Charlene Gomes dos Santos. - Cajazeiras, 2018.
60f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo.
Co-Orientador: Prof. Esp. Geraldo Venceslau de Lima Júnior.
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

1. Educação inclusiva. 2. Ensino de geografia. 3. Surdos. I. Lorenzo, Ivanalda Dantas Nóbrega Di. II. Lima Junior, Geraldo Venceslau de. III. Universidade Federal de Campina Grande. IV. Centro de Formação de Professores. V. Título.

CHARLENE GOMES DOS SANTOS

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ENSINO E APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA
PARA ALUNOS SURDOS**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (CFP/UFCG-Orientadora)

Professor Esp. Geraldo Venceslau de Lima Junior (CFP/UFCG- Co-Orientador)

Professora Esp. Maria Geane de Lima Ferreira (UERN - Examinadora Externa)

Professor Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida (CFP/UFCG-Examinador Interno)

CAJAZEIRAS - PB
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que nos momentos mais difíceis entregou todas as minhas angústias em suas mãos.

Agradeço aos meus pais por estarem sempre presentes em minha vida.

Agradeço a minha irmã, por aguentar os meus estresses.

Agradeço a minha tia Gorete, por todo apoio e ajuda nessa trajetória final.

Agradeço a minha orientadora Prof^a Dra. Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, que não desistiu de mim sempre entendendo todos os meus problemas, tenho imensa admiração e uma eterna gratidão.

Agradeço a Lucrécia Teresa Gonçalves Petrucci, diretora do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB) por permitir que fosse feita a pesquisa no Instituto.

Agradeço a Iria Wiese, psicóloga do IFPB ao qual me ajudou imensamente com seus relatos de caso e uma grande intermediadora.

Agradeço a Charridy Max Fontes Pinto (Coordenador do Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais - NAPNE), Emanuel da Silva Oliveira (Intérprete de Libras), Teobaldo Gabriel de Souza Júnior (Professor de Geografia), Maria do Socorro Saraiva (Pedagoga), Marcos Willian dos S. de Souza (Aluno – IFPB), vocês foram fundamentais para a pesquisa.

Agradeço à Banca examinadora na pessoa da Prof^a. Esp. Maria Geane de Lima Ferreira (UERN - Examinadora Externa), Prof^o. Esp. Geraldo Venceslau de Lima Junior (Co-Orientador), ao Prof^o. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida (CFP/UFCG- Examinador Interno).

Agradeço a Claudivânia, minha amiga linda e enviada por Deus na minha vida, obrigada por todas as palavras de tranquilidade e o seu apoio, mesmo passando pelo mesmo momento de dificuldade, enfrentamos o estresse juntas.

Agradeço a minha amiga-irmã Symara por ser essa pessoa tão especial na minha vida, ao qual está sempre pronta a me ajudar, sinto imenso orgulho de você.

Agradeço ao meu amigo Anderson, que desde que me conheceu sempre esteve dando todo o seu apoio e pôr emanar suas energias positivas.

Agradeço aos meus amigos, Stelita, Carlos, Rafaela, Sâmia, Rocsana, Sol e Irineia por estarem sempre me tirando do estresse.

Agradeço a todos que direta e indiretamente estão sempre ao meu lado.

RESUMO

Levando em consideração as discussões acerca da inclusão de alunos surdos em um ambiente escolar, elevando assim o interesse em saber como de fato acontece este tipo de inclusão na escola. Visto que no âmbito político, propostas passaram a ser criadas a fim de garantir essa educação inclusiva de alunos que são surdos. Na prática de fato será que existe ou não existe essa educação inclusiva nas escolas de ensino regular? Cabendo assim analisar se de fato as escolas como os seus docentes estão preparadas para uma educação inclusiva, tendo como objetivo caracterizar como acontece a aprendizagem geográfica dos alunos surdos e a sua inserção no ensino regular, esta pesquisa teve em seu propósito a análise de artigos científicos que trabalhem com o ensino de Geografia para discentes com surdez, conseqüentemente houve a aplicação de um roteiro de questões com um aluno surdo matriculado no 1º ano do Ensino Médio Técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras, na cidade de Cajazeiras - Paraíba, tendo também como partes integrantes dessa pesquisa intérprete, professor de Geografia e pedagoga, no período de novembro de 2017 a janeiro de 2018. Na perspectiva, de como se dá o fato da inclusão do aluno surdo num ambiente escolar, se eles estão realmente integrados aquele convívio e atendendo as suas necessidades, tal constatação segue em refletir sobre as propostas educacionais e as práticas de ensino na educação inclusiva que na realidade quase que são ignoradas e não se vem cumprindo os direitos ao atendimento a pessoas com necessidades especiais no ensino regular.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Ensino de Geografia. Aprendizagem. Surdos.

ABSTRACT

Taking into account the discussions about the inclusion of deaf students in a school environment, thus raising interest in knowing how this type of inclusion in school actually occurs. Whereas, in the political sphere, proposals have been created in order to guarantee this inclusive education of students who are deaf. In fact, is it true that there is or is not such inclusive education in regular schools? In order to analyze whether in fact the schools as their teachers are prepared for an inclusive education, with the objective of characterizing how the geographical learning of deaf students happens and their insertion in regular education, this research had in its purpose the analysis of scientific articles that work with the teaching of Geography for students with deafness, consequently there was the application of a script of questions with a deaf student enrolled in the first year of Technical High School at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Paraíba (IFPB) - Campus Cajazeiras, in the city of Cajazeiras - Paraíba, also having as integral parts of this research interpreter, professor of Geography and pedagogue, from November 2017 to January 2018. From the perspective of how the fact of the inclusion of the deaf student in an environment school, if they are really integrated into that society and meeting their needs, this to reflect on educational proposals and teaching practices in inclusive education that in reality are almost ignored and the rights to care for people with special needs in regular education are not being fulfilled.

KEYWORDS: Inclusive Education. Geography Teaching. Learning. Deaf.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

CFP – Centro de Formação de Professores

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração de Surdo

IBC – Instituto Benjamin Constant

IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba

INES – Instituto Nacional da Educação dos Surdos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

NAPNE – Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais

PNEE – Portador de Necessidades de Educação Especial

UERN – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Questões do professor de Geografia.....	20
QUADRO 2 – Questões do intérprete.....	23
QUADRO 3 – Questões do professor de Geografia.....	28
QUADRO 4 – Questões do aluno surdo.....	29
QUADRO 5 – Questões do professor de Geografia.....	31
QUADRO 6 – Questões do aluno surdo.....	33
QUADRO 7 – Questões do intérprete.....	37
QUADRO 8 – Questões da pedagoga.....	40
QUADRO 9 – Questões do professor de Geografia.....	43
QUADRO 10 – Questões do aluno surdo.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO MÉDIO.....	13
1.1 A história da educação inclusiva no Brasil.....	13
1.2 O processo de inclusão do aluno surdo nas aulas de Geografia do ensino médio e suas especificidades, suas interações e relação em sala de aula.....	19
2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO MÉDIO, NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	25
2.1 O ensino de Geografia para o aluno surdo na escola.....	25
2.2 Metodologias utilizadas nas aulas de Geografia que facilitam a aprendizagem do aluno surdo no ensino médio.....	30
3 DOS DIREITOS DO ALUNO SURDO E DA IMPORTÂNCIA DA EQUIPE TÉCNICA E PEDAGÓGICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA PARA O ALUNO SURDO.....	34
3.1 O olhar da escola para o aluno surdo e sobre a educação inclusiva.....	35
3.2 Da compreensão pelo aluno surdo acerca dos conhecimentos geográficos à mediação do professor de Geografia, do intérprete e da equipe pedagógica.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Como forma dos surdos se comunicarem entre si ou então com pessoas que não possuem deficiência, está no uso da língua de sinais, onde que de fato nunca tinha tido uma convivência com um surdo. Uma língua fascinante e que mantive o meu primeiro contato ativamente com um surdo no curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG/Campus – Cajazeiras. Cursando a disciplina de Libras, onde no caso o meu professor era surdo, percebi as peculiaridades que existe e com isso só acrescentou no fascínio que já possuía, conseqüentemente criando assim uma curiosidade em saber como os alunos que são surdos podem e estão inseridos num ambiente escolar caracterizada especificamente para a aprendizagem de quem é ouvinte, tornando-se um fator de extrema importância para a escolha do tema desta referida pesquisa.

Diante de um assunto que tão pouco é discutido no meio educacional, levando em consideração um pouco a curiosidade em saber como realmente se dá o ensino para alunos surdos e para um melhor entendimento sobre esta realidade nesse entorno em questão, como ponto de partida teremos como nosso foco de pesquisa um estudo de caso, que está baseada como a pesquisa um aluno surdo, de 24 anos e estudante do 1º ano do Ensino Médio Técnico do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Paraíba - IFPB, na cidade de Cajazeiras - Paraíba, onde será realizado um roteiro de questões, sendo também como partes integrantes dessa pesquisa intérprete, professor de Geografia e pedagoga, acarretando na contribuição de um melhor entendimento sobre este tema, sendo que a pesquisa se deu no período de novembro de 2017 a janeiro de 2018.

Para o desenvolvimento desta pesquisa teve como base uma abordagem qualitativa, consistindo com estudos de leituras bibliográficas baseados em livros com autores a exemplos de Dorziat (2006), Mantoan (2006), Carvalho (2012), Ramos (2010) e textos acadêmicos virtuais de autores que desenvolveram pesquisas abordando esta temática, conseqüentemente com a aplicação de um roteiro de questões e com isso pode ser feito uma análise sobre alguns objetivos, que poderão contribuir num entendimento para uma melhor adequação sobre a inclusão de alunos que possuem surdez no ensino regular.

Como hipóteses podem destacar sobre:

- A Educação Inclusiva realmente está integrada na realidade das escolas de ensino regular, e os alunos surdos estão incluídos nesse ensino de acordo com as práticas que determinam as leis?
- A Educação Inclusiva realmente não está integrada na realidade das escolas de ensino regular, e os alunos surdos estão incluídos nesse ensino de acordo com as práticas que determinam as leis?

Sobre a pesquisa empírica a mesma será dividida em três focos, através da coleta de dados. Valendo-se assim:

- Aplicação de questionários direcionados ao intérprete (Apêndice A);
- Aplicação de questionários direcionados a equipe pedagógica (Apêndice B).
- Aplicação de questionário direcionado ao educador (Apêndice C);
- Aplicação de questionário direcionado ao educando (Apêndice D);

A pesquisa em questão que será aplicada ao aluno surdo será de caráter avaliativo sobre o sistema educativo, analisar assim se o objetivo de inclusão de alunos com deficiência está sendo atingida.

Vale salientar que a pesquisa que será direcionada ao educador tem como objetivo caracterizar uma análise sobre as problemáticas existentes entre o ato de ensinar e as propostas pedagógicas de inclusão escolar.

Analizando que os dados coletados junto ao professor, intérprete e equipe pedagógica visto como as bases que são fundamentais para uma análise de estrutura educacional que pretende atender, como também engajar parâmetros de avaliação das políticas públicas que são destinadas a inclusão de alunos com deficiência no ensino regular.

Vivemos numa realidade que cabe um momento de reflexão sobre o ensino ao qual estamos presenciando atualmente, tantas são as dificuldades em que o ensino vem se deparando, que nos leva a um pensamento sobre um ponto específico, que é a inserção de alunos que possuem alguma deficiência, seja auditiva, visual, etc. Ao longo da nossa formação acadêmica, inúmeros assuntos que envolvem a vida escolar são debatidos, destacando que a Educação Inclusiva é um assunto em questão que não chega a ser muito discutido, ou seja, tecnicamente nos tornamos inexperientes sobre a educação especial.

Nesta perspectiva a pesquisa desse trabalho tem como objetivo geral identificar como ocorre a aprendizagem geográfica dos alunos surdos e sua inserção no ensino

médio normal, visando assim uma concepção de compreender sobre essa realidade que se torna cada vez mais importante para a nossa educação.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Investigar o processo de inclusão do aluno surdo no Ensino Médio nas aulas de Geografia e suas especificidades, relação em sala de aula e suas interações;

- Compreender como ocorre a Educação Inclusiva no Ensino Médio, nas aulas de Geografia;

- Dialogar acerca dos direitos do aluno surdo, da importância da equipe pedagógica nas aulas de geografia para o aluno surdo.

Atualmente algumas discussões vêm sendo debatidas sobre a Educação Inclusiva no âmbito educacional, pois a realidade caracteriza-se pela necessidade de incluir alunos surdos no ensino regular. Dentre as muitas dificuldades que existem em uma escola, saber como estão inseridos alunos que possuem deficiência, se as escolas atendem as necessidades dos alunos com surdez, se eles estão realmente integrados naquele ambiente é de grande importância para a permanência e a aprendizagem com qualidade desses alunos em sala aula.

A referida pesquisa está baseada na divisão de três capítulos, abordando no primeiro capítulo sobre a Educação Inclusiva e a inclusão do aluno surdo no ensino médio, destacando um entendimento sobre a Educação Inclusiva e as suas propostas, bem como o processo de inclusão dos alunos surdos nas aulas de Geografia e a suas especificidades em sala de aula.

No segundo capítulo será abordada sobre a Educação Inclusiva no Ensino Médio nas aulas de Geografia, a importância existente do ensino de Geografia para alunos surdos, destacando quais tipos de metodologias podem ser adotadas para que contribuam e facilitem a aprendizagem do aluno surdo.

E por fim, no terceiro capítulo abordaremos os direitos do aluno surdo e da importância da equipe técnica e pedagógica nas aulas de geografia, refletindo sobre o olhar que a escola possui sobre a educação inclusiva de alunos surdos, caracterizando sobre a compreensão dos conhecimentos geográficos sobre a mediação do intérprete, e do professor em sala de aula.

No entanto, a inclusão ainda é um grande desafio para gestores e todos que fazem parte do processo de escolarização, onde para uma Educação Inclusiva de qualidade, exige novas dimensões da escola e saber valorizar as diferenças.

1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A INCLUSÃO DO EDUCANDO SURDO NO ENSINO MÉDIO

Como enfoque neste primeiro capítulo, será apresentada uma pesquisa acerca de conceitos sobre a Educação Inclusiva, analisando as considerações que também envolvem sobre a inclusão do aluno surdo em salas de aulas das escolas regulares no ensino médio.

Com a criação de algumas leis que especificam propostas de que todos os alunos surdos podem ser inseridos no ensino de escolas regulares, levando em consideração a inexistência de escolas especiais no Brasil, portanto terá destaque sobre como é vista essa inclusão de alunos surdos na educação em escolas de ensino regular, e se de fato eles estão integrados a realidade das escolas.

Tendo como base de partida leituras de artigos e livros, sendo agregada uma aplicação de questionários em uma escola de Ensino Médio regular, destacará que de fato a inclusão ela vai muito além de leis, visto que tanto a escola, como a família e até mesmo a sociedade tem que encontrar uma forma de está preparada para construir a valorização da diferença.

1.1 A história da educação inclusiva no Brasil

Diante do que se é discutido sobre o ensino atualmente, vem crescendo cada vez mais a discursão sobre a inclusão de pessoas com surdez no ensino regular, seja em escolas públicas ou privadas.

Tendo em vista no que se refere à Educação Inclusiva, podemos destacar que de certa forma isso já vem acontecendo a um bom tempo, dado que em tempos atrás foram criadas escolas especiais ao quais atendiam as pessoas que possuíam qualquer tipo de deficiência.

No Brasil, o início para o atendimento as pessoas com deficiência aconteceu ainda na época imperial, onde no ano de 1857 é criado o Instituto dos Surdos Mudos, que atualmente é o Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, localizado no Rio de Janeiro.

Em 1987 foi fundada no Brasil a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), localizada também no Rio de Janeiro, que defendia junto os

direitos da comunidade surda para garantir a condição de igualdade e reconhecimento dos direitos dos surdos a ser educado.

Em tempos atrás os surdos eram vistos como pessoas débeis mentais e incapazes, portanto a essas pessoas lhe era vetado o direito de manter um convívio social, pois a surdez por séculos foi considerada uma aberração e uma patologia que deveria ser tratada, e em algumas ocasiões eram até utilizados fortes tratamentos.

A falta de conhecimento científico fez que durante muito tempo os deficientes fossem segregados excluídos do convívio social. Na antiguidade as causas para as pessoas que apresentavam disfunções físicas ou mentais eram atribuídas com castigo divino recebido por algum ato pecaminoso dos pais ou familiares, ou mesmo feitiço e manifestação de espíritos malignos que tomavam suas almas. Muitos eram condenados à morte ou abandonados ainda recém-nascidos e quando adultos eram perseguidos sendo obrigados a viver enclausurados, pois acreditava que não teriam condições de viver em meio à sociedade. (ALMEIDA E VIEIRA, 2014, p.33 apud GOLDEFELD, 2002, p.27).

No ano de 1994, é publicada a Política Nacional de Educação Especial condicionando o acesso às classes comuns do ensino regular, mantendo a responsabilidade da educação dos estudantes no âmbito da educação especial.

Conforme Souto (2014 p. 11) destaca a Conferência de Salamanca, onde passa a considerar a inclusão de alunos com deficiência em salas de aula regulares, de modo que:

A Educação Inclusiva surgiu em diferentes momentos e contextos, especialmente a partir da década de 90 quando ocorreu a Conferência Mundial de Educação Especial, e em 1994 foi proclamada a Declaração de Salamanca que, a partir daí, passou-se a considerar a inclusão de estudantes com necessidades especiais, tanto nos espaços sociais quanto em salas de aulas regulares, como a forma mais avançada de democratização das oportunidades educacionais, e a escola regular passou a representar o local primordial onde a integração de crianças com Necessidades Especiais poderia ser concretizada.

Diante disso podemos destacar que as políticas públicas, defendem que os alunos que possuem deficiências também sejam incluídos nas escolas regulares, visto que a LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 1996) especifica no Capítulo V, art. 58 que: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei,

a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais”. Leva-se em consideração que isto se confronta em um grande desafio, ou seja, de procurar meios e formas de modelar as suas metodologias pedagógicas para que esses alunos possuam acesso incluindo assim a sua permanência na escola.

De acordo com as políticas públicas, precisamente a Lei de Libras disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 “defende que todo aluno com deficiência auditiva possui o direito de serem incluídos no ensino regular”, onde se considera uma pessoa surda àquela que, por perda auditiva podendo ser congênita ou adquirida, ela compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

As pessoas possuem uma convicção ou talvez por falta de informação de que por uma pessoa possuir a surdez atribui a elas a expressão surdo-mudo, , visto que se trata de uma expressão infundada, a menos que ele possua uma deficiência em sua fala vale salientar que nem todo surdo é mudo, a falta da sua fala se dá somente pela surdez.

Segundo Cortesão (2006, p. 128), “muitos discursos atualmente feitos sobre educação começam, de fato, a levar em conta a necessidade de estar atento às diferenças”.

Destaca-se que para uma educação inclusiva não é somente incluir os alunos que possuem deficiência num ambiente escolar, pois a escola deve estar preparada para receber os alunos que possuam a surdez, tornando necessário valorizar as suas diferenças sem que exista uma discriminação.

Almeida e Vieira (2014, p, 15), esclarecem que:

Enfatiza a necessidade de mudança no modelo educacional oralista que ainda é imposto na educação de crianças surdas. A importância de desenvolver e ensinar a língua brasileira de sinais, não só aos alunos com a deficiência, mas também aqueles que estão inseridos em ambiente de ensino, a fim de promover a comunicação e o diálogo entre as diferentes percepções. O uso da linguagem de sinal é instrumento eficaz na comunicação e no desenvolver cognitivo do aluno surdo.

De acordo com Dorziat (2011, p.27), “quando se trata de inclusão, a valorização da língua de sinais para os surdos é questão essencial, como possibilidade de igualdade de condições de desenvolvimento entre as pessoas”. Para o aluno surdo, é de extrema

importância poder construir uma interação com o ambiente escolar através de uma linguagem que não seja somente interligada ao âmbito da oralidade, ou seja, a língua de sinais deve ser executada, para que assim o aluno surdo não se sinta excluído, e assim torne-se uma parte integrante no convívio escolar.

Torna-se necessário problematizar as representações antigas dos resultados da inclusão e invertê-las. A visão de que só as pessoas com necessidades especiais ganhariam com a inclusão é preconceituosa. Entendemos que o grande objetivo a ser conquistado é a construção de uma sociedade inclusiva, com a contribuição indispensável das escolas, que têm de preparar espaços educativos para todos. (LIMA, 2006, p.33)

Segundo Mantoan (2006), a inclusão escolar tem sido mal compreendida no que se diz respeito às mudanças tanto das escolas comuns, como das escolas especiais, visto que sem essas mudanças as escolas não garantem uma condição adequada para o aprendizado de todos os alunos segundo a capacidade de cada um e sem discriminações.

No Brasil a defasagem de escolas especializadas, ou seja, de escolas que possuam em suas características serem bilíngues, contribuiu para a criação de algumas leis que garantissem que os alunos que possuem a surdez, sejam inseridos em escolas de ensino regular, juntamente com alunos que são normais, salientando que a diferença de aprendizagem é extremamente visível, onde que as escolas mesmo com todas as leis existentes não estão propriamente preparadas para tal fato.

Podemos salientar que hoje em dia, já existe certo crescimento de escolas que vem mantendo em seus planejamentos pedagógicos o debate sobre a inclusão e que procuram aos poucos agregar inovações para que aconteçam essas mudanças nas suas práticas pedagógicas dentro da escola.

Conforme Ramos (2010), o processo de inclusão escolar visto como uma coisa nova causou uma espécie de revolução, pois a teoria possuía orientações para que acontecesse a prática inclusiva, mas por outro lado ocorreram alguns equívocos. Salienta-se que a escola regular ela se mostra incompetente e possui uma fragilidade com relação ao que se diz nas mudanças para introduzir as práticas. Pois foi nesse vazio que ocorreram as práticas incorretas, por caracterizar a invasão de especialistas de várias áreas, com o intuito de capacitar os professores para a educação especial.

Para a existência de um atendimento aos alunos surdos torna-se necessário que a escola estabeleça um currículo e prática pedagógica específica que atenda as capacidades desse aluno com surdez.

As ações governamentais têm-se empenhado em chamar a atenção para a necessidade de considerar a cultura, os falares, as formas de organização das diferentes comunidades escolares, mas parece não ter o empenho em operacionalizar esses princípios, ocorrendo situações como as explicitadas nos eventos, totalmente distanciadas dos alunos reais. (DORZIAT, 2011, p.43)

Hoje em dia muito se é argumentado sobre os questionamentos dos que lutam a favor da inclusão escolar, pois se tem a existência de livros, artigos e até mesmo palestras que abordam esse tema sobre as transformações necessárias para a inclusão no ensino brasileiro, coisa que a um determinado tempo possa vir a ser um motivo e talvez uma consequência para uma educação de qualidade.

O processo de inclusão educacional, analisado à luz da abordagem histórico-cultural, permite-nos apropriar novos significados em relação às pessoas com deficiência em espaços segregados: por carregarem consigo o estigma da incapacidade mental, física e sensorial, tais pessoas têm vivido a impossibilidade de acesso ao conhecimento historicamente produzido no contexto da educação geral, sendo relegadas a escolas ou instituições segregacionistas, em função de suas peculiaridades físicas, mentais e sensoriais. (FREITAS, 2006, p. 162-163)

De acordo com Ramos (2010), apesar de toda a informação disponível sobre a educação inclusiva, os professores ainda temem quando em sua classe é matriculado um aluno que possui deficiência. Isso porque lidar com o outro é sempre um desafio, especialmente quando o aluno tem uma deficiência.

Para Carvalho (2012) tem-se como verdade de que todas as narrativas que estão centradas sobre a inclusão, elas basicamente predominam nos textos escritos e verbais dos gestores e professores de educação especial sobre a diversidade dos alunos surdos, visto que muito se tem esforçado para que os professores de escolas regulares assumam essa conduta. Pois o que se percebe é que no caso de pessoas com deficiência, suas necessidades e seus direitos ainda não são suficientemente visíveis aos outros que não seja da educação especial.

Para que realmente exista uma inclusão escolar, podemos distinguir como um foco principal a diversidade, pois a inclusão realmente tende a existir no momento em que os alunos que possuem deficiência podem ser incluídos de forma igualitária, com todos os direitos e recursos necessários para que exista uma boa aprendizagem na educação. Daí a importância do papel da escola seguindo a proposta da educação inclusiva, pois, segundo Carvalho (2012, p.96):

A proposta inclusiva diz respeito a uma escola de qualidade para todos, uma escola que não segregue, não rotule e não “expulse” alunos com “problemas”; uma escola que enfrente, sem adiamentos, a grave questão do fracasso escolar e que atenda à diversidade de características de seu alunado.

Para Mantoan (2006, p. 197), “se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam na direção de uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças”.

No Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFPB) – Campus Cajazeiras, para que alunos com deficiência possam ter um atendimento especializado, consta com um Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), que tem em seu objetivo contribuir com ações que garantam o acesso e a permanência dos alunos com deficiência.

Em tal realidade ao qual estamos, necessitamos de escolas de estejam de fato preparadas para receber alunos que possuam qualquer tipo de deficiência e que possam garantir uma inclusão com qualidade, leis existem, cabe agora somente às escolas se adequarem.

1.2 O processo de inclusão do educando surdo nas aulas de Geografia do Ensino Médio e suas especificidades, sua relação em sala de aula e suas interações.

Com relação a tudo que se distingue aos surdos, podemos destacar que eles somente vêm sofrendo um reflexo das consequências de uma educação que basicamente não foi caracterizada e focada no ensino que se impliquem nas suas limitações.

Conforme Dorziat, Araújo e Soares (2011), a maioria dos surdos pertence a famílias que são ouvintes, nesse meio familiar possuem as limitações para que exista um desenvolvimento natural, tornando-se assim imprescindível uma organização de um meio linguístico adequado. Conseqüentemente a escola possui a necessidade de suprir essa lacuna, que sejam capazes de criar ambientes linguísticos que não estejam restringidas somente na troca de informações, mas que seja capaz de criar e dê uma oportunidade para uma comunicação fluente, entre colegas, professores e demais profissionais da escola.

Podemos destacar que a Educação Inclusiva é um dos maiores desafios para a educação nos dias atuais, visto que no que se diz a inclusão de alunos com deficiência nas escolas de ensino normal, a realidade que temos são escolas que na maioria das vezes não possuem condições, ou não possuem a mínima adequação para receber e oferecer o tipo de aprendizagem que estes alunos necessitam.

Há na educação inclusiva a introdução de outro olhar. Uma maneira nova de ver, ver os outros e ver a educação. Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada com base no entendimento de que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. Assim sendo, inclusão significa a modificação da sociedade como pré-requisito para a pessoa com necessidades especiais buscar seu desenvolvimento e exercer sua cidadania. Torna-se necessário preparar a escola para incluir nela o aluno PNEE, a fim de que os benefícios sejam múltiplos para todos os envolvidos com a educação: os alunos, os professores e a sociedade em geral (FREITAS, 2006, p. 167)

Para que exista uma qualidade de ensino para o aluno surdo, deve existir uma interação entre escola, professores, alunos, intérpretes, e até mesmo a família, que interajam e consigam uma adequação para uma aprendizagem significativa e eficiente para o aluno que possua deficiência.

Tanto as políticas de ensino inclusivo quanto as políticas pertinentes à acessibilidade tecnológica na escola esbarram em obstáculos de ordem material, educacional e atitudinal. Dessa forma, o que era para agregar valor e trazer benefícios pode, inversamente, produzir mal-estar, visto que tais políticas nem sempre estão acompanhadas de capacitação profissional e apoio ao docente, sendo isso um grande empecilho ao progresso para a educação globalizada e inclusiva (RAIÇA, 2008, p. 20).

Para Freitas (2006, p. 162), “refletir sobre a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais no ensino regular leva-nos inevitavelmente a repensar a relação entre a formação do professor e as práticas pedagógicas atuais”.

Para o autor, para que exista uma inclusão de alunos surdos na escola, tem-se que se pensar que o professor necessita ter uma relação fluente com o aluno surdo, bem como que as práticas pedagógicas devem ser pensadas para um melhor aprendizado, que não seja somente na oralidade.

No quadro abaixo destacamos algumas questões que consta a falta de uma formação especializada para os professores em sua formação, onde o professor de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFPB) – Campus Cajazeiras destaca:

QUADRO 1: Questões do professor de Geografia

PERGUNTAS	RESPOSTAS
PARA VOCÊ COMO É TER UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM SUA SALA DE AULA?	É muito difícil tendo em vista que não tive uma formação específica ou treinamento para poder saber lidar com os desafios pedagógicos que se colocam diante de nós quando temos um aluno portador de deficiência/necessidade específica.
VOCÊ COMPREENDE SOBRE AS LIMITAÇÕES E AS POTENCIALIDADES QUE O ALUNO COM SURDEZ POSSUI?	Dependendo do tipo/grau de deficiência esta é uma leitura que pode ser feita ou não.
QUE TIPO DE FATORES VOCÊ ACHA QUE FACILITAM A INCLUSÃO DO ALUNO COM SURDEZ NA SALA DE AULA?	Posso destacar principalmente a presença de um interprete de libras, para que a troca de informações possa fluir.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Um dos maiores questionamentos que são vistos em salas de aula, são professores que não são capacitados para terem alunos com deficiência em suas turmas, muitos alegam não ser preparados para enfrentar essa realidade tão constante no mundo atual. Pois se destaca em respostas do professor de Geografia sobre a falta de uma formação especializada para a Educação Inclusiva, onde o mesmo não possui uma preparação para dar aulas a alunos que possuem a surdez.

A escola poderia incluir cursos de capacitação da sua equipe docente, mas por vezes não podemos somente culpar a escola, visto que, vários professores por achar difícil a língua de sinais preferem não se capacitar.

A seleção de atividades de ensino e aprendizagem, com maior valor educativo intrínseco, pode permitir ao aluno tomar decisões; assumir papel ativo como alguém que “dialoga” com a realidade, investigando-a e estabelecendo relações com o saber pela redescoberta, e desenvolvendo a cultura do pensamento em sala de aula. Será, certamente, um processo lúdico e extremamente prazeroso, se as diferenças individuais forem reconhecidas e as atividades adequadas (CARVALHO, 2012, p. 94).

Podemos destacar que na existência de uma formação, seja ela em uma formação inicial ou na continuada, deveria ser obrigatório que fosse proporcionado a todos os professores de escolas regulares uma aprendizagem sobre os conhecimentos básicos para a introdução de práticas inclusivas.

É consensual a afirmação de que a formação de que dispõem os professores hoje no Brasil não contribui suficientemente para que seus alunos se desenvolvam como pessoas, tenham sucesso nas aprendizagens escolares e, principalmente, participem como cidadãos detentores de direitos e deveres na chamada sociedade do conhecimento (FREITAS, 2006, p.168)

Hoje em dia, o que muito se tem visto são professores que não possuem interesse em fazer uma formação especializada, onde muitos se acomodam em somente dar aquele tipo de aula ao qual já estão acostumados no seu dia-a-dia. Com isso fica cada vez mais difícil que esses tipos de professores possam contribuir para o desenvolvimento de seus alunos, principalmente no caso de alunos que possuam deficiência.

Sobre todas as situações que podemos nos deparar em uma pesquisa, sempre podemos enfrentar alguma coisa inesperada, e uma das situações ao qual nos deparamos foi à dificuldade de fazer uma simples pesquisa com um aluno surdo, onde o mesmo é foco da pesquisa, pois o mesmo faltava muito às aulas. Depois de várias tentativas para a realização do questionário e sem conseguir manter um encontro com o aluno surdo, pedi ajuda do intérprete para que o mesmo fosse realizado, sendo que até mesmo o intérprete convivendo no mesmo ambiente do aluno, teve dificuldade devido as suas

faltas e o aluno surdo sempre saía antes mesmo de a aula acabar. Tornando-se um empecilho para a realização da pesquisa e mesmo depois de várias tentativas por fim conseguimos fazer a pesquisa.

Como forma de obter mais informações sobre a vivência do aluno em sala, foi buscando informações dentro da própria escola, descobrimos que o aluno surdo é um aluno de identidade híbrida, ou seja, uma pessoa ao qual nasceu ouvinte, mais que conseqüentemente foi perdendo a sua audição, no qual a escola não possui dados sobre o que acarretou essa perda da audição. Em relação à vida escolar a sua aprendizagem e baseia-se em uma educação tardia, onde a família tentava de fato excluí-lo de uma convivência em sua faixa escolar normal. Consta também nas documentações escolar que o mesmo possui um retardo mental, mais a escola junto com a equipe pedagógica não chegaram a uma conclusão sobre esse laudo.

Segundo Barbosa (2004, p.22), sobre o relato do descaso da família ao tentar excluir o surdo da aprendizagem da Libras, ressalta que:

No ambiente familiar, a maioria dos pais ouvintes não conseguem interação comunicativa com o filho surdo pelo desconhecimento que têm da língua de sinais ou ainda pela rejeição à ela, em consequência da falta de informação e do preconceito.

Podemos destacar que a nossa sociedade, por uma pessoa nascer surda mesmo que muitos digam que não discriminam os surdos, e como conseqüências disso a própria família criam um preconceito pelo filho surdo, pois muitos não aceitam que ele seja diferente.

Sobre a convivência do aluno com os demais em sala de aula, de acordo com respostas obtidas foi que o aluno surdo possui uma relação não muito fácil, pois o aluno surdo por vim com uma carga familiar ao qual já estava acostumado a ter tudo sempre com facilidade, ele próprio tenta se tornar incapaz em sala de aula, querendo que os seus colegas estejam sempre prontos para ajudá-lo. Devido a sua condição de deficiente ele se aproveita para qualquer tipo de trabalho em grupo, e conseqüentemente onde todos alegam que o mesmo é capaz, o aluno surdo acaba por não querer ter muita interação em sala de aula, com isso houve uma contribuição para que os outros colegas ouvintes não tenham mais interesse em fazer trabalhos escolares com o aluno surdo.

Como base de uma maior interação em sala de aula, o mesmo possui somente com o intérprete, pois que o professor de Geografia não possui uma formação na área específica de inclusão.

De acordo com Dorziat, Araújo e Soares (2011, p.40-41),

Um dos aspectos fundamentais para que seja desenvolvido um processo de ensino-aprendizagem, que supere a ideia de conhecimento apenas como apanhado de informações, é a forma como estabelece a interlocução professor-aluno. O fato de saber quem é o seu aluno pode facilitar na escolha de estratégias e tornar o conhecimento em sentido para ele.

Uma forma de compreensão cognitiva estabelece-se com uma interação entre aluno-professor, e para interação torna-se necessário que o professor possua uma formação específica para poder trabalhar com os alunos que são portadores de necessidades especiais. Mas o que podemos perceber são professores que somente deixam ao encargo dos intérpretes a tradução dos conteúdos explicados pelos professores.

QUADRO 2: Questões do intérprete de Libras

PERGUNTAS	RESPOSTAS
QUAL A SUA FORMAÇÃO PROFISSIONAL?	Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais.
COMO VOCÊ APRENDEU LIBRAS?	No começo em uma empresa onde trabalhei, logo depois fiz vários cursos.
HÁ QUANTO TEMPO VOCÊ ATUA COMO INTÉRPRETE EDUCACIONAL?	Há cinco anos.
VOCÊ PASSOU POR ALGUM CURSO DE FORMAÇÃO PARA ATUAR COMO INTÉRPRETE EDUCACIONAL?	Sim, tenho 3 cursos direcionados a interpretação.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Conforme a pesquisa com o intérprete de libras, o mesmo possui a formação de tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais, fez vários cursos, sendo três deles direcionados a interpretação para alunos surdos.

Uma das formas ao qual os surdos têm de ter uma aprendizagem dos conteúdos escolares, está no uso da Libras, mas o que temos são professores que não sabem quase ou nada da Língua de Sinais dificultando a sua interação com o aluno surdo, cabendo assim ao interprete está sempre presente em sala de aula.

A língua de sinais consiste em uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza, basicamente, as mãos para efetuar a comunicação, realizada por movimentos, expressões faciais e localização em diversas combinações. Essa língua detém toda a complexidade expressividade que qualquer outra língua, tem estrutura gramatical própria e composição por níveis linguísticos: morfológico, sintático, fonológico e semântico. As diversas línguas de sinais não são, conseqüentemente, universais e obedecem às regras culturais de cada grupo que as utiliza (ARCOVERDE, 2011 p. 127-128).

Para que se tenha uma capacidade para ser intérprete, existe a necessidade de que esteja muito bem preparado, visto que a Libras não pode ser exercido de qualquer maneira, pois a formação em cursos é extremamente importante.

De acordo com Lima (2011), observa-se que em uma sala de aula existe uma confusão com relação à delimitação ao papel do intérprete, visto que sua atuação se mistura com a do professor, enquanto para o professor não parece se incomodar nenhum pouco, pois talvez o professor tenha a consciência das suas limitações de como lidar com esses alunos que possuem deficiência.

Para que realmente aconteça uma inclusão escolar, tem-se como princípio que o professor mesmo que não possua uma formação especializada adequada, torna-se importante o trabalho em conjunto do professor com o intérprete, para que assim ambos construam uma aprendizagem significativa para o aluno surdo.

2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO MÉDIO, NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Como apresentação neste capítulo, temos como enfoque a discussão sobre a importância que a Geografia possui para o aluno surdo, como também como deve ser feito esse tipo de aprendizagem, especificamente sobre metodologias que podem contribuir para um melhor aprendizado para o aluno que possui a surdez.

Podemos caracterizar a Geografia como uma disciplina ao qual ela com seus conteúdos, possibilitam e contribuem para aquelas pessoas que possuam deficiência e também aqueles que não possuem deficiência para uma formação cidadã.

Para que o aprendizado de um aluno surdo seja dado de forma significativa, torna-se necessário a adequação profissional, ou seja, uma formação especializada e que com isso sejam introduzidas metodologias que contribuam para o aprendizado do aluno surdo.

2.1 O ensino de Geografia para o aluno surdo na escola

A aprendizagem de qualquer disciplina que está relacionado ao ambiente escolar tem sua importância para a construção dos conhecimentos de seus alunos, salientando que no caso específico do aluno surdo exige uma atenção maior para a construção da aprendizagem, pois eles necessitam serem introduzidos numa sociedade para que assim eles possam exercer a sua cidadania, cabendo assim aproveitar uma melhor forma para que o seu aprendizado seja significativo.

O ensino de Geografia proporciona ao educando o processo de descoberta do espaço ao qual está inserido e produz a reflexão e construção de conhecimento geográfico. O ensino de geografia nos dias atuais vem se mostrando cada vez mais desafiador para os professores, ela não está mais somente relacionada com a geografia repassada de conteúdos dos livros didáticos, ou simples memorização de conteúdos “decorar”. (ALMEIDA E VIEIRA, 2014, p. 25)

Podemos destacar que a disciplina de Geografia com os seus conteúdos tornam possível que sejam feitos a realização de análises e ações críticas sobre o espaço

geográfico, levando assim o aluno surdo como a qualquer outro aluno a possibilidade de fazer suas próprias análises sobre os problemas do lugar de sua própria realidade.

Como uma contextualização sobre a Geografia como uma disciplina escolar, destaca-se que ela oferece uma contribuição para que os professores juntamente com os alunos possam enriquecer as suas representações sociais, bem como o seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões sobre a realidade que envolve o social, naturais e históricas, para que com isso possam entender melhor o mundo no ponto de vista do seu processo de transformação, o momento atualmente da chamada mundialização econômica (PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2009).

Conforme Callai (2000, p. 84-85), destaca que,

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente.

Podemos caracterizar que o ensino de Geografia possui em sua síntese o poder de compreensão do mundo, ou seja, as suas dinâmicas e diversidades assim como as suas relações existentes entre o homem e o meio, bem como os seus aspectos naturais, sociais, político, econômico e cultural.

Para que exista uma construção dos conhecimentos geográficos a cada dia que se passa o ensino de geografia desafia os professores a não está somente relacionado a ser um transmissor dos conteúdos dos livros didáticos, mas ir à busca de aliar a teoria dos livros com a prática vivenciada pelos alunos, ou seja, estejam sempre em busca de métodos diferenciados de ensino para que assim possa proporcionar novos interesses e ajudando a construir cidadãos com pensamentos críticos.

O conteúdo da geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, dos outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos da geografia, significa “uma consciência espacial” das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo (CALLAI, 2000, p.93)

De acordo com Cavalcanti (2012, p.45), “em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade e pelos bairros, eles constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios”.

Refletindo sobre o ponto de vista do autor, podemos destacar que com as práticas vivenciadas no cotidiano dos alunos, pode se formar uma construção de espacialidade sobre a realidade, visto que a escola trabalhando com esse conhecimento, ela possui em sua discussão ferramentas para ampliar e conseqüentemente alterar sobre a qualidade das práticas reflexivas e críticas que são necessárias na conquista para um exercício de cidadania.

Vale salientar que uma das formas de se estabelecer uma afetividade em sala de aula e construir um respeito com um aluno surdo está relacionada na forma que o professor interage em sua turma, onde Bayer e Amaral destacam que:

O respeito à diferença e a integração socioafetiva efetivam-se nas relações estabelecidas no cotidiano da sala de aula, portanto, sob a gestão do docente. Por outro lado, consideramos que a relação professor-aluno em todos os contextos, inclusive na educação profissional, é influenciada por aspectos com o tamanho das turmas, a diversidade, as propostas de trabalho e a intervenção direta do professor, dentre outros. Além disso, sabemos que todas as decisões e práticas no contexto educativo estão ligadas a pressupostos teóricos-metodológicos construídos sob influência histórica (BAYER, AMARAL, 2013, p.5)

O que tanto se destaca nas leis é que os alunos com deficiência possam ser incluídos numa sala de aula com outros alunos ao qual não possuem nenhum tipo de deficiência, e o que se espera são interação entre alunos e professores, como entre alunos surdos e ouvintes sem qualquer tipo de discriminação.

O ensino/aprendizagem da Geografia deveria ser planejado no todo, compreendendo os diferentes níveis de ensino, atendendo às diferenças, aos interesses e às necessidades das diversas clientelas, considerando o desenvolvimento intelectual e visando a formação de uma cidadania responsável (OLIVEIRA, 2012, p.218).

O ensino de geografia deve ser uma disciplina que tem que ser muito bem planejado, pois podemos levar em consideração o nível de dificuldade que os alunos surdos podem enfrentar ao se destacar com conceitos que por muitas vezes torna-se

complexo para seu entendimento na parte de sua transmissão, onde “*na Geografia, os conteúdos procedimentais relacionam-se ao modo pelo qual os alunos assimilam certas práticas que passam a fazer parte de sua própria vida*” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009, p. 108).

Como uma das principais maneiras de um melhor aprendizado do aluno surdo nas aulas de Geografia, destaca-se na interação do professor com o intérprete, visto que o intérprete será o responsável por conseguir traduzir todas as informações passadas em sala de aula pelo professor ao aluno surdo. Cabe assim, ao intérprete tentar uma melhor forma de conseguir traduzir os conceitos geográficos dados em sala de aula.

Quadro 3: Questões professor de Geografia

PERGUNTAS	RESPOSTAS
QUAIS OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS?	São vários, mas, o mais sério que já tive foi o caso de um aluno que a família não aceitava a sua condição, o que fez com que ele não fosse alfabetizado com a libras e tão pouco com o português, sendo que ele teve muita dificuldade de aprender na aprendizagem.
COMO VOCÊ DESCREVERIA A INTERAÇÃO DO ALUNO COM SURDEZ COM OS DEMAIS ALUNOS OUVINTES EM SUA SALA DE AULA?	Minha pouca experiência me permite concluir que é uma interação bem pequena, já que a maioria dos alunos não tem conhecimento e aprendizado com a língua de sinais.
PARA VOCÊ, COMO É TRABALHAR CONTEÚDOS ESPECÍFICOS DE GEOGRAFIA QUANDO EXISTE ALUNO COM DEFICIÊNCIA NAS SUAS AULAS?	Novamente reitero que depende do tipo de deficiência, temos a exemplo de que um aluno surdo consegue enxergar os mapas que um cego não consegue ver.
DE ACORDO COM SUA OPINIÃO, VOCÊ ACHA QUE EXISTEM FATORES QUE DIFICULTAM A INCLUSÃO EDUCACIONAL NAS AULAS DE GEOGRAFIA? SE SIM OU NÃO, QUAIS? EXPLIQUE.	Dependendo do tipo de deficiência, a realização de estudos de campos, por exemplo, se torna uma atividade bem difícil de executar.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Relatando sobre o ensino do professor de Geografia do IFPB, podemos destacar que o mesmo possui uma dificuldade em transmitir o seu conteúdo para o aluno surdo, pois o mesmo necessita sempre do intérprete para que aluno surdo possa ter uma aprendizagem dos conteúdos que estão sendo explicados em sala de aula, onde o professor não está especializado com a cultura do aluno que possui a surdez.

Para Freitas (2008, p. 7), “A Geografia se torna difícil de ser ensinada para os alunos surdos na medida em que o professor, não conhecendo a linguagem de sinais, fica impossibilitado de se comunicar com os alunos, dependendo do intérprete para estabelecer contato”.

Como uma forma de analisar em algumas questões da pesquisa sobre como se dá essa interação entre professor e aluno surdo e conseqüentemente a dificuldade de aprendizado por parte do aluno surdo, destacaremos que a falta de interação entre ambos acaba por dificultar essa aprendizagem, sendo constatado que no IFPB também acontece, conforme analisando no quadro abaixo:

QUADRO 4: Questões do aluno surdo

PERGUNTAS	RESPOSTAS
VOCÊ TEM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DOS CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS?	Sim, pois sinto dificuldade com a aprendizagem dos termos geográficos.
COMO SEU PROFESSOR DE GEOGRAFIA REALIZA A AULA?	Com explicações sobre o conteúdo, como também ele usa slides e vídeos.
QUAIS FORAM AS SUAS MAIORES DIFICULDADES QUE VOCÊ JÁ TEVE DURANTE A SUA VIDA DE ESTUDO NA ESCOLA? JÁ SENTIU ALGUM PRECONCEITO POR SER SURDO?	Não lembro bem das minhas dificuldades, mas sempre fazia as coisas só (provas, trabalhos e as atividades), os alunos não queriam brincar comigo.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

A interação do aluno surdo com o professor que não está apto ao ensino especializado torna-se leigo ao que se diz respeito de como transmitir uma aprendizagem ao aluno surdo, visto que ele somente é um transmissor de conteúdos ao qual vai caber ao intérprete a melhor forma de transmitir e a melhor maneira de como

será apreendido pelo aluno surdo. Levando em consideração a pesquisa com o aluno surdo o mesmo sente dificuldade na aprendizagem dos conteúdos geográficos, e o mesmo especifica que a forma ao qual o professor de geografia tenta dar sua aula com as explicações está no uso de slides e vídeos.

2.2 Metodologias utilizadas nas aulas de Geografia que facilitam a aprendizagem do aluno surdo no Ensino Médio

Como uma forma correta de pensarmos de como pode ser a melhor maneira para o aprendizado de alunos surdos, podemos destacar que está especialmente relacionada aos tipos de metodologias que podem ser aplicadas em uma sala de aula que possuem alunos com surdez. Relacionando sobre as particularidades que existe nesse entorno Lacerda, Santos e Caetano (2014, p.185), destacam:

Ser professor de alunos surdos significa considerar suas singularidades de apreensão e construção de sentidos quando comparados aos alunos ouvintes. Discute-se muito que a sala de aula deve ser um lugar que permita que o aluno estabeleça relações com aquilo que é vivido fora dela, e deste modo interessa contextualizar socialmente os conteúdos a serem trabalhados, apoiando-se quando possível em filmes, textos de literatura, manchetes de jornais, programas televisivos, de modo a tornar a aprendizagem mais significativa.

Cavalcanti (2012) acredita que na escola, a metodologia e todos os procedimentos de ensino das diferentes matérias escolares devem ser pensados em razão da cultura de cada aluno, sobre também à cultura escolar e seus saberes sistematizados.

O professor tem que estudar a cultura de cada aluno que possui uma deficiência assim de tentar encontrar uma forma de melhores tipos de metodologias que possam ser aplicadas em sala de aula, para um aprendizado significativo.

Como uma forma de destaque sobre algumas questões que tem um enfoque sobre essa particularidade metodológica para o professor de Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias da Paraíba (IFPB) Campus Cajazeiras, o quadro abaixo relaciona:

QUADRO 5: Questões do professor de Geografia

PERGUNTAS	RESPOSTAS
EM RELAÇÃO AO PLANEJAMENTO DE SUAS AULAS, VOCÊ POSSUI ALGUMA DIFICULDADE EM PLANEJAR SUAS AULAS PARA QUE O ALUNO COM DEFICIÊNCIA POSSA SER INCLUÍDO NAS SUAS ATIVIDADES EM SALA DE AULA?	Sim, muita dificuldade devido à falta de uma formação mais específica.
QUE TIPOS DE ESTRATÉGIAS VOCÊ UTILIZA PARA INCLUIR O SEU ALUNO COM DEFICIÊNCIA EM SUAS AULAS?	Procuro estudar a deficiência do aluno para só então estabelecer as estratégias do ensino. Por exemplo: A necessidade de um aluno surdo difere da necessidade de um aluno cego, que conseqüentemente é diferente de um aluno que tem paralisia cerebral.
QUAIS MATERIAIS ADAPTADOS VOCÊ CONHECE PARA UM MELHOR APRENDIZADO DO ALUNO SURDO?	Materiais visuais que contribuam para a aprendizagem como figuras, mapas, e materiais em alto relevo.
EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DE MATERIAIS ADAPTADOS NA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NAS AULAS DE GEOGRAFIA?	De total e suma importância, pois imagina um professor que não sabe libras e conseguir ensinar os conteúdos a um surdo, ou então mostrar um mapa que não tenha elementos em alto ou baixo relevo para um aluno cego a exemplo.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

No caso professor de Geografia o mesmo possui grande dificuldade de preparar as suas aulas para o aluno que possui surdez, pois o mesmo não constitui uma formação que consista num conhecimento de cultura do aluno surdo, e não sabe qual melhor metodologia a ser aplicada em sala de aula.

Com a inclusão de alunos surdos nas salas de aulas de ensino regular podemos destacar que a existência de uma problematização se criou acerca deste entorno, muito se pode ser visto em destaque que, a maioria dos professores não se sentem preparados ou não são preparados para trabalhar com alunos surdos, e conseqüentemente desconhece os tipos de metodologias que são adequados e eficazes para a aprendizagem deste tipo de aluno. Visto que isso acarreta na falta de aprendizado, reprovações e até mesmo na evasão escolar.

A busca por diferenciados métodos de ensino proporciona um despertar de novos interesses, seja ele por parte dos professores ou dos alunos. O professor de geografia quando ele vem com uma proposta metodológica diferenciada da qual ele já estava acostumado a trabalhar, seja utilizando de um recurso tecnológico ou algo mais simples como um jogo, uma música ou até mesmo uma aula fora da sala de aula, ele irá aguçar o interesse do aluno pelo conteúdo mesmo que não seja pela disciplina. Cabe ao professor fazer uma reflexão, se de fato à metodologia aplicada por ele vem realmente refletindo alguns resultados positivos dentro da sua proposta de ensino. Principalmente quando o professor de geografia trabalha com alunos surdos e ouvintes dentro de sala de aula (ALMEIDA; VIEIRA, 2014, p.26).

As metodologias que devem atender ao aluno surdo devem ser capazes de contribuir para que exista uma forma de aprendizado facilitada, pois em uma turma de alunos que são ouvintes não podemos querer que o aluno surdo possuísse o mesmo grau de aprendizado sem metodologias estratégicas.

Desenvolver estratégias que possam suprir as necessidades do aluno ouvinte e do aluno com surdez é de suma importância. Porém a realidade vista hoje em dia de muitos professores ainda continua a utilizar somente da lousa, giz e livro didático, embora isso não queira dizer que a forma por ele trabalhada não irá surtir efeitos positivos. Mas quando se pensa no ensino de geografia para alunos com surdez ele tem que ir além, buscar procedimentos metodológicos, práticas de ensino capaz de oferecer um desenvolvimento cognitivo (ALMEIDA; VIEIRA, 2014, p.28).

Por falta de formação especializada os professores fazem a utilização da mesma forma de práticas metodológicas tanto para alunos com deficiência, como para alunos normais, não diferenciam que cada aluno não tem a mesma forma de aprendizagem, tornando assim mais difícil a aprendizagem do aluno que possui a surdez.

Para o aprendizado do aluno surdo, as metodologias que são utilizadas pelos professores em sala de aula possuem as suas características relevantes, pois podemos analisar que cada um possui a sua particularidade sobre a aprendizagem. Levando em consideração algumas questões no quadro abaixo sobre o ponto de vista do aluno surdo do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias (IFPB), onde o mesmo recorre a tecnologias para a sua aprendizagem e o mesmo relata que o professor utiliza as mesmas práticas pedagógicas para todos, temos:

QUADRO 6: Questões do aluno surdo

PERGUNTAS	RESPOSTAS
QUAIS SÃO AS TECNOLOGIAS QUE VOCÊ UTILIZA NO SEU DIA-A-DIA? ELAS CONTRIBUEM PARA O SEU APRENDIZADO NA LÍNGUA DE SINAIS?	As tecnologias que utilizo são celulares, computador e eles contribuem sim para o meu aprendizado.
DURANTE A AULA ELE FAZ ATIVIDADES IGUAIS PARA TODOS OU DIFERENCIADA COM VOCÊ? COMO ELE FAZ?	Iguais para todos.
QUE TIPO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VOCÊ ACHA QUE FACILITARIA SUA APRENDIZAGEM NAS AULAS DE GEOGRAFIA, COMO AS DEMAIS DISCIPLINAS?	Tenho um melhor entendimento quando ele usa vídeos.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Para Freitas (2006, p.169), “a formação do professor de modo geral (educador especial ou educador de classe comum) deve incluir programas/conteúdos que desenvolvam competências de um profissional intelectual para atuar em situações singulares”.

Para Bayer e Amaral (2013), uma das maneiras mais prática que favorecem na aprendizagem de alunos surdos está na relação entre os sujeitos em sala de aula, que pela metodologia de trabalho que está sendo ofertada em sala pelo professor, podem incluir propostas que contribuam para a organização em turma.

Uma das formas que contribuem para um maior aprendizado está na inclusão da Libras em sala de aula, pois com todos os potenciais existente visual que a língua de sinais possui, torna-se mais fácil explicar ao aluno surdo os conteúdos que está sendo visto em sala. Para Lacerda, Santos e Caetano (2014, p.187), “[...] Não se trata do uso de gestos ou mímicas, mas um trabalho com signos em língua de sinais, explorando as características visuais dessa língua [...]”.

Para ensinar o aluno surdo, é essencial o uso de Língua Brasileira de Sinais, uma língua de modalidade visual espacial, que utiliza sinais manuais e não manuais. Os ouvintes têm como primeira língua oral, a língua portuguesa usada no Brasil, e para os surdos a Língua Brasileira de sinais é a primeira língua visual. (JUNIOR, 2013, p.51)

Torna-se visível que um aprofundamento em Libras é muito proveitoso especialmente para os professores, pois com isso ele aumenta o auxílio ao qual o aluno surdo necessita, como também aumenta a compreensão dos conteúdos que está sendo visto em sala de aula, não dependendo constantemente de um intérprete para que aluno consiga entender o que o professor está explicando.

Para uma facilitação no aprendizado de alunos surdos a possibilidade de recursos didáticos é imensamente vasta, pois com adequação podemos fazer uso de atividades lúdicas, charges, quadrinhos, vídeos, filmes, globo terrestre, imagens, fotos, mapas, construção de maquetes e por não dizer que a Geografia tem como seu forte as saídas em campo. Cabe somente aos professores se adequar a cada especificidade de seus alunos.

3 DOS DIREITOS DO EDUCANDO SURDO E DA IMPORTÂNCIA DA EQUIPE TÉCNICA E PEDAGÓGICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA PARA O EDUCANDO SURDO

Neste capítulo, teremos uma alusão sobre como a escola está integrada sobre a educação inclusiva, visto que ela deve se adequar para poder receber com qualidade um aluno que possua algum tipo de deficiência.

Saber como o aluno está inserido nesse ambiente, torna-se de extrema importância, pois destacaremos se ele possui acompanhamento especializado, e que é importante para que o aluno tenha um aprendizado com qualidade, e onde o mesmo possa se inserir sem quem haja um abandono escolar.

Destaca-se que o aprendizado escolar, é diferentemente apreendido de pessoa para pessoa, pois nem todos compreendem os conteúdos das disciplinas da mesma forma, para um aluno surdo, a compreensão torna-se ainda mais diferenciado, abordando então uma análise sobre esse tipo de compreensão pelos alunos que possuem deficiência.

3.1 O olhar da escola para o aluno surdo e sobre a educação inclusiva

Como escola em destaque para a nossa pesquisa, temos o Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Paraíba (IFPB), salientando que o Campus Cajazeiras teve a sua inauguração em 4 de dezembro de 1994, quando o Instituto ainda era denominado Escola Técnica Federal da Paraíba. A Unidade de Ensino Descentralizada, como era inicialmente chamada, foi criada para atender as necessidades da região, dentro da perspectiva de interiorização da educação profissional. Cajazeiras se destaca como a segunda cidade paraibana a receber um campus do IFPB.

O Campus do IFPB em Cajazeiras tem contribuído para a transformação da realidade social, não só da cidade em que está instalado, mas de toda a região. Em pouco mais de duas décadas de existência, centenas de profissionais foram capacitados pelos cursos técnicos, desde o primeiro de Agrimensura até os atuais de Informática (Integrado ao ensino médio), Eletromecânica e Edificações (Integrados e Subsequentes ao ensino médio), além do Técnico em Segurança do Trabalho (EAD) e Técnico em Meio Ambiente (Proeja).

Nos últimos anos, através dos cursos superiores de Tecnologia em Automação Industrial e Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Licenciatura em Matemática e o Bacharelado em Engenharia Civil, a mão de obra qualificada formada pelo IFPB, no coração do sertão, tem garantido seu espaço em todo o Brasil e até fora dele.

Para um atendimento especializado o IFPB consta com um Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), que surgiu com o objetivo de coordenar ações pedagógicas, culturais e administrativas a fim de garantir o acesso e a permanência dos alunos com deficiência. Atualmente, o campus conta com 2 alunos matriculados com surdez. Assim sendo, o setor dá suporte aos alunos com as seguintes necessidades específicas: visual, auditiva, física.

Para Moran (2008, p. 46), ressalta que,

A liberdade é a capacidade e a possibilidade de a comunidade escolar criar suas regras. Daí porque o projeto político-pedagógico dessa escola esteja sempre sujeito a muitas transformações. A liberdade é uma relação, por isso não se confunde com licença. Em nossa concepção de educação, educando e educador são sujeitos que aprendem e ensinam no mesmo passo. Assim, a liberdade é válida tanto para a gestão da escola como para sua epistemologia, o que supõe uma comunidade escolar sempre aberta aos infinitos objetos, métodos e teorias.

Uma das adequações que a escola deve ter para a inclusão de alunos que possuem a surdez encontra-se que ela deve possuir o serviço de intérprete, ou seja, alguém especializado na língua de sinais (Libras), pois como temos a língua portuguesa como a primeira língua para os ouvintes, no caso do aluno surdo ele tem a Libras como a sua primeira língua.

Ter o domínio sobre a língua de sinais não consiste em ser uma tarefa nada fácil, por isso mesmo que vários professores não se capacitam para atender as necessidades das diferenças ao qual se pode deparar em sala de aula, por isso é que vemos a importância de se ter um profissional capacitado a interpretar e que seja o responsável por mediações em situações de comunicação para que o aluno surdo tenha um entendimento para o que está acontecendo em seu entorno. Como relato do Intérprete de Libras do IFPB, destacamos as questões abaixo:

QUADRO 7: Questões do intérprete de Libras

PERGUNTAS	RESPOSTAS
QUAL É O PAPEL DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL?	Fazer a locução entre o professor e o aluno, como do aluno para o professor, e também do aluno com surdez para com os demais em sala de aula e fora de sala. Contribui também em atividades extraclasse e em qualquer situação acadêmica.
EM SUA OPINIÃO AS RELAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O INTÉRPRETE SÃO BEM DEFINIDAS?	Em algumas instâncias sim, pois ainda há por parte de alguns docentes a não compreensão do que é o intérprete.
VOCÊ PARTICIPA DAS REUNIÕES DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO ESCOLAR?	Não.
VOCÊ AUXILIA O PROFESSOR NA ELABORAÇÃO DA ATIVIDADE PRÁTICA?	Sim, quando encontro o devido espaço para isso e/ou sou procurado pelos mesmos.
VOCÊ TEM ACESSO PRÉVIO AOS CONTEÚDOS QUE SERÃO TRABALHADOS?	Não, já foi informado aos discentes, porém não houve êxito na reciprocidade.
QUANDO VOCÊ PERCEBE QUE O ALUNO NÃO DOMINA A LIBRAS O QUE VOCÊ FAZ?	Procuro estratégias que facilite a comunicação.
COMO TEM SIDO A APRENDIZAGEM DE PROFESSORES E ALUNOS NA EXECUÇÃO DOS CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS COM ALUNOS SURDOS?	Sem resposta.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Em questão as respostas da pesquisa o intérprete destaca a importância de possuir esse profissional em sala de aula devido a falta de conhecimento da Libras por parte do professor de Geografia, visto que torna-se o responsável por traduzir os conteúdos que estão sendo vistos em sala.

Dorziat, Araújo e Soares (2011), destacam que para que a proposta sobre inclusão de surdos na escola regular tem em seu respaldo que se faz necessária a

presença de um profissional em sala de aula, ou seja, de um intérprete, visto que é um profissional que conhece a língua de sinais e que por saber ambos as línguas é um intermediador entre o professor e os alunos surdos em sala de aula.

A integração de um intérprete de Libras em uma sala de aula não pode ser uma coisa irrelevante, visto que o aluno surdo ele possui o seu próprio vocabulário e uma gramática que se difere dos demais que possuem a oralidade, sendo que Kotaki e Lacerda (2014, p. 202) destacam que: *“A questão da diferença linguística, a identidade e cultura surda e de como apreendem o mundo ao seu redor são assuntos relevantes na educação dos surdos”*.

De acordo com Brasil (2004, p. 28-29), estabelece que,

Capítulo I – Artigo 1^o. São deveres fundamentais do intérprete:

§1^o. O intérprete deve ser uma pessoa de alto caráter moral, honesto, consciente, confidente e de equilíbrio emocional. Ele guardará informações confidenciais e não poderá trair confidências, as quais foram confiadas a ele;

§2^o. O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

§3^o. O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade;

§4^o. O intérprete deve reconhecer seu próprio nível de competência e ser prudente em aceitar tarefas, procurando assistência de outros intérpretes e/ou profissionais, quando necessário, especialmente em palestras técnicas;

§5^o. O intérprete deve adotar uma conduta adequada de se vestir, sem adereços, mantendo a dignidade da profissão e não chamando atenção indevida sobre si mesmo, durante o exercício da função.

Torna-se de extrema importância a necessidade de um intérprete em sala de aula nas escolas regulares para que assim, ocorra uma intermediação entre o professor e o aluno surdo, como também assim possa existir uma interação desse aluno com o seu convívio na escola. Podemos destacar nesse âmbito que uma maior necessidade de interação deve se existir entre o professor regente e o intérprete, visto que a atuação conjunta é o responsável pelo aprendizado do aluno surdo.

Podemos destacar que o professor regente deve trabalhar as suas aulas sempre em conjunto com o intérprete, pois os mesmos são responsáveis pelo aprendizado do aluno com deficiência, visto que o intérprete no caso das aulas de Geografia por possuir

muitos termos específicos se torna uma disciplina difícil de trabalhar necessitando assim, o estudo antecipado por parte do intérprete para trabalhar com os sinais adequados que se encaixe no contexto que são trazidos pela disciplina.

Uma das formas de promover a parceria entre profissionais, e desenvolver práticas que beneficiem o aprendizado do aluno surdo, é envolver o ILS no planejamento das atividades. O ILS precisa ter acesso aos conteúdos que serão ministrados para se preparar com antecedência e, assim, oferecer uma boa interpretação. (LACERDA, SANTOS, CAETANO 2014, p.196)

Entretanto, o professor regente por não ser capacitado a trabalhar com o aluno surdo, deixa a responsabilidade encarregada do ensinar por parte do intérprete, entretanto, quando os professores fazem diferenciações entre os alunos surdos e ouvintes, deixando o intérprete encarregado do aluno com deficiência, conseqüentemente acabam desestimulando esses alunos por verem essa diferenciação da convivência em sala de aula.

A mediação feita pelo interprete é uma ferramenta que busca estabelecer o desenvolvimento a interação e assimilação com os conteúdos que estão sendo trabalhados pelo professor promoverá ao aluno com deficiência auditiva inserção dentro da esfera educacional, de um ambiente heterogêneo de especificidade peculiar, trabalhando sua capacidade cognitiva juntamente com os alunos ouvintes, de maneira que se possa unir através da língua de sinais o mundo perceptível de forma diferente para surdos e ouvintes, onde um se faz através do som e o outro pela visão. (ALMEIDA E VIEIRA, 2014, p. 42)

Para que uma escola seja inclusiva, pressupõe que ela deva promover a participação para que todos estejam aprendendo juntos, criando adequações metodológicas com modelos que acolham as necessidades especiais de seus alunos que possuem deficiências, promovendo também a capacitação de seus professores, como também de seus gestores e de seus funcionários, visto que também a escola deve trabalhar agregando participação da família, no sentido que assim possa ser ofertada uma educação de qualidade para todos os alunos que tenham deficiência, destacamos as questões da pedagoga do IFPB que são relevantes sobre a escola como reflexão da inclusão do aluno surdo no quadro abaixo:

QUADRO 8: Questões da pedagoga.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
PARA VOCÊ QUAL A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA ESCOLA?	É importante o ensino da língua brasileira de sinais na escola como condição necessária para a inclusão de alunos com deficiência auditiva.
O QUE VOCÊ ACHA NECESSÁRIO PARA QUE HAJA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM SURDEZ NAS ESCOLAS REGULARES?	É necessária a presença do intérprete de libras, adaptação curricular e principalmente, vencerem barreiras atitudinais dos próprios profissionais.
A PARTIR DE QUE IDADE VOCÊ ACHA NECESSÁRIO QUE SEJA INICIADA O ENSINO DE LIBRAS?	Quanto mais cedo melhor, até mesmo antes da alfabetização.
VOCÊ ACHA QUE EXISTE A NECESSIDADE DE ALGUMA ADAPTAÇÃO CURRICULAR PARA OS ALUNOS SURDOS?	Sim, é necessária a adaptação curricular no que se refere aos procedimentos didáticos, desde os objetivos até a avaliação, a fim de atender as diferenças individuais dos alunos.
VOCÊ TEVE ALGUMA CAPACITAÇÃO QUE SE TRATASSE SOBRE A LIBRAS?	Já tivemos várias palestras sobre inclusão e o curso de libras (extensão) está sendo oferecido na instituição.
A ESCOLA POSSUI INTÉRPRETE E INSTRUTOR DE LIBRAS?	Sim, possui dois tradutores e intérpretes de libras.
ESSES ALUNOS POSSUEM ALGUM ACOMPANHAMENTO ESPECIALIZADO FORA DA SALA DE AULA?	Os professores algumas vezes realizam aulas em turno oposto com o aluno surdo, para uma melhor assistência.
EM RELAÇÃO AOS PROFESSORES, VOCÊ ACHA QUE ELES ESTÃO PREPARADOS PARA DESENVOLVER O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM NECESSÁRIO PARA OS ALUNOS COM SURDEZ?	Nenhum profissional está totalmente preparado. A inclusão dos alunos com deficiências na escola regular é ainda algo novo para os profissionais da educação e a formação acadêmica não contemplava. Porém, todos têm potencial suficiente para buscar meios e formas de realizar um trabalho que promova a aprendizagem do aluno surdo.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

Segundo Kotaki e Lacerda (2014, p. 202), destaca que,

Na escola, o aluno surdo alcança um nível de desempenho escolar satisfatório no momento em que há preocupação com o resgate de toda sua historicidade; com o entendimento sobre a diversidade linguística e uma educação escolar diferenciada que valorize suas capacidades e potencialidades; além de uma compreensão sobre as formas de organização social das comunidades surdas e a importância da LIBRAS no processo educativo e em demais instâncias cotidianas. Acrescenta-se ainda a importância da disposição de recursos, sejam humanos, materiais, metodológicos, entre outros, que são importantes para oferecer um ensino de qualidade no espaço escolar.

Para que o aluno surdo consiga sentir-se incluído no ambiente escolar, a escola tem que desempenhar o seu papel de acolher o aluno compreendendo as suas capacidades e a sua diversidade, contribuindo para um aprendizado significativo com professores adequados e acompanhamento de intérpretes para que a sua convivência escolar e o ensino seja de qualidade.

3.2 Da compreensão pelo aluno surdo acerca dos conhecimentos geográficos à mediação do professor de Geografia, do intérprete e da equipe pedagógica

Na educação, o ensino e aprendizagem de qualquer disciplina é algo específico a cada tipo de aluno, pois nem todos aprendem da mesma forma um conteúdo explicado em sala de aula. Torna-se ainda mais complexo no caso de alunos que possuem deficiência, tendo em vista que para o seu aprendizado vai depender de como o professor e no caso o aluno surdo, depende da maneira que o intérprete vai conseguir traduzir o conteúdo ao qual está sendo dado em sala de aula.

De acordo com Almeida e Vieira (2014, p.15), destaca que,

Que a falta de audição de alguns alunos, não seja justificativa de professores como entrave para a aprendizagem, mas sim busca de superação quebra de obstáculos, a fim de avançarmos na construção de um sistema de ensino capaz de trabalhar com a heterogeneidade dos alunos em classe escolar.

Segundo Freitas (2008), quando a questão está relacionada ao ensino de Geografia, pode se acreditar que tantos os alunos surdos quantos os professores

encontram dificuldade em relação à transmissão dos conteúdos que são visto em sala de aula. Pois no caso dos professores, a discussão sobre educação inclusiva não se apresenta de um modo efetivo na sua formação inicial, enquanto o caso do aluno surdo eles possuem dificuldade em articular e demonstrar a compreensão dos conceitos e das linguagens específica de campo do conhecimento.

No que se propõem as leis sobre a educação inclusiva, baseia-se somente em teorias, visto que o que vemos são escolas que não estão adequadas para a inclusão, pois vemos alunos que possuem deficiência em escolas regulares, com professores despreparados e por muitas vezes nem sempre possuem atendimento especializado.

No que se refere às políticas pertinentes à educação inclusiva, significativos avanços podem ser contatados. Um número cada vez maior de crianças com necessidades educacionais especiais está sendo matriculado nas classes regulares. Contudo, qualitativamente, ainda há diversos obstáculos a serem vencidos. O despreparo do professor para ensinar na diversidade costuma ser assinalado como um dos fatores que obstruem ou dificultam a implantação da inclusão no âmbito escolar (RAIÇA, 2008, p. 20)

Quando em uma sala de aula existem alunos com surdez torna-se de extrema importância que o professor possua o conhecimento sobre a deficiência desse aluno para que assim ele possa lidar com o processo de ensino e aprendizagem para com esse tipo de alunado, tratando-se assim de se pensar numa melhor maneira de planejar as suas metodologias de ensino.

Muitos professores ainda se sentem incomodados com a presença do interprete mediando as suas aulas em língua de sinais para a classe, mas reconhecem que não tem o conhecimento ou não são aptos a desenvolver a educação bilíngue. Os professores do ensino regular sempre se sentem despreparados para trabalhar com alunos especiais, seja por faltas de formação e entendimento, ou na falta de qualificação, recorrendo então para o interprete para desenvolver a comunicação. (ALMEIDA E VIEIRA, 2014, p. 43)

Um dos pontos essenciais para que a compreensão seja alcançada sobre o pensar e fazer o ensino de Geografia para os alunos surdos é por meio da Libras. Onde os professores se sentem despreparados para esse tipo de ensino, demonstrando no quadro abaixo sobre o professor de Geografia do IFPB destacamos:

QUADRO 9: Questões do professor.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
VOCÊ RECEBE APOIO PEDAGÓGICO DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO DE ALUNOS SURDOS?	Sim. Temos o acompanhamento do NAPNE (Núcleo de Apoio aos Portadores de Necessidades Específicas), junto com a constante presença de um intérprete em sala de aula.
EXISTE FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA PARA O DESENVOLVIMENTO DAS AULAS DE GEOGRAFIA PARA/COM ALUNOS SURDOS?	Tirando os encontros com o NAPNE não sinto que tenho uma formação continuada que habilite a lidar com alunos que possuam qualquer deficiência ou necessidade específica.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

O professor de geografia destaca que o acompanhamento recebido por parte da escola está somente do NAPNE (Núcleo de Apoio aos Portadores de Necessidades Específicas), que consiste no acompanhamento de um intérprete em sala de aula para os alunos que possuem a surdez ter a tradução de suas aulas.

Para um aprendizado de Geografia para alunos surdos, além da importância da Libras, ou seja, um acompanhamento de um intérprete em sala de aula, além de que o professor de Geografia precisa trabalhar com aulas que valorizem o visual, com recursos de figuras, imagens contendo as paisagens, fotos, mapas e tudo que contribua a exposição visual ao aluno. Pois podemos destacar que um obstáculo que atrapalha o aprendizado da Geografia dos alunos surdos é a falta de domínio da língua portuguesa, e em muitos casos a falta de domínio da língua brasileira de sinais.

QUADRO 10: Questões do aluno surdo.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
O QUE A LIBRAS SIGNIFICA PARA VOCÊ	Uma forma de conseguir me comunicar com as pessoas.
COMO VOCÊ COMPREENDE OS CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS?	Compreendo mais ou menos os conteúdos geográficos.
QUAL A IMPORTÂNCIA DE TER UM INTÉRPRETE EM SALA DE AULA?	Porque eu aprendo mais a Libras e ele transmite o que o professor está explicando em Libras.
VOCÊ POSSUI ALGUMA DIFICULDADE DE SE RELACIONAR COM SEUS PROFESSORES, COLEGAS DE SALA, INTÉRPRETE E EQUIPE PEDAGÓGICA?	Não tenho.

Fonte: dados da pesquisa, 2017.

De acordo com a pesquisa do aluno surdo, que ao ser questionado sobre a relação que possui em sala de aula com os professores, colegas de sala, intérprete e equipe pedagógica, o mesmo em sua resposta colocando que não tinha dificuldade, onde obtive informações dentro da escola que ele possui sim dificuldade, pois o aluno surdo sempre teve uma superproteção por parte dos familiares, que pela condição deficiente sempre tentaram contribuir para que ele tivesse tudo em suas mãos, não incentivando a uma autossuficiência, não contribuíram assim para uma escolarização em sua idade normal, devido a um tipo de preconceito existente por vezes pelos familiares, fazendo assim que ele se exclua em sua sala de aula, pois o mesmo se isola, e se faz diferente em sala de aula. O aluno por ter tido uma escolarização tardia, visto que o mesmo só aos 14 anos começou a sua vida escolar. Consistindo assim que o aluno surdo possui

dificuldade da aprendizagem da língua portuguesa, como também da língua brasileira de sinais.

CONSIDERAÇÕES

Consideravelmente muito se tem sido discutido sobre a Educação Inclusiva em escolas regulares, algumas leis foram criadas e conquistadas, onde com o referido trabalho podemos ter um pouco da ideia do que fato consiste essas leis e se de fato as escolas elas estão preparadas para a tão sonhada inclusão escolar de alunos que possuem algum tipo de deficiência.

Como um foco para a pesquisa, consistia de pesquisas bibliográficas e uma aplicação de um questionário em uma Escola na cidade de Cajazeiras, em comparação ao teórico e a prática, e o podemos destacar é que não existe muita diferença entre as várias cidades existentes, pois o que se tem visto é que as escolas regulares de fato não estão totalmente preparadas para dar o suporte necessário para alunos que possuem deficiência.

No caso específico do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias da Paraíba (IFPB) – Campus Cajazeiras, o que vemos são professores que não possuem uma formação especializada, onde se encontram com a problemática de não conseguir ter uma maior interação com alunos que possuem deficiência do caso específico da nossa pesquisa a surdez. Onde a escola não consiste em formações continuadas especiais para os professores.

Temos na Geografia uma disciplina de extrema importância, visto que com ela podemos desmembrar a formação de uma sociedade crítica, pois com seus conteúdos podemos construir seres pensantes. Mas o que temos vistos são professores despreparados que não possuem uma formação adequada, consistindo assim na dificuldade de transmissão dos conteúdos geográficos em sala de aula para alunos surdos.

A metodologia utilizada em sala de aulas pelos professores consiste em aulas de modo geral para todos os alunos, ou seja, voltada para os alunos ouvintes, cabendo assim ao intérprete fazer a tradução do que está sendo explicado no caso do nosso trabalho dos conteúdos geográficos, para o aluno surdo em Libras.

Um ponto chave existente no IFPB é de que dentro do Instituto possui um Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais (NAPNE), onde os alunos podem contar com um atendimento especializado, onde existe intérprete que acompanham os alunos surdos em suas aulas, consistindo assim um apoio necessário

para os professores que não possuem um maior aprendizado com a Libras para um maior entendimento em suas aulas, consistindo assim os intérpretes traduzir as aulas dos professores para que os alunos surdos possa ter um entendimento de suas aulas.

Torna-se necessário tanto ao professor da disciplina de Geografia, como a qualquer outro profissional da educação a busca por conhecimentos e um aprimoramento de suas práticas pedagógicas, para que assim os alunos que possuam deficiência tenham um aprendizado de qualidade.

Contudo, diante da pesquisa o que podemos contestar são alunos que possuem dificuldade com relação a seu aprendizado, falta de interação tanto com seus professores, como com seus colegas de sala pela falta consistente no aprendizado da Língua Brasileira de Sinais. Sendo assim, muito se deve ser feito para uma educação com alunos surdos com qualidade, capacitação de seus profissionais, qualidade em recursos didáticos, torne-se um pontapé inicial para uma escola inclusiva com qualidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristiane Souza de; VIEIRA, Waldirene Aparecida. **O Ensino de Geografia para Alunos Surdos e as Contribuições da Produção Acadêmica**. 2014. Disponível em: <<http://www.unifalmg.edu.br/geografia/sites/default/files/Cristiane%20Souza%20de%20Almeida%20&%20Waldirene%20Aparecida%20Vieira.pdf.htm> >. Acesso em 15 de novembro de 2017.
- ARCORVERDE, Rossana D. de L. Dos desencontros com a linguagem escrita a um encontro plurilinguístico. In: DORZIAT, Ana. (Org.) **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. Págs. 105-139.
- BARBOSA, M^a. Fausta L. **A aquisição da língua brasileira de sinais (Libras) pela família do surdo**. Fortaleza, 2004. Disponível em: <<http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/artigosdeficiente/a%20aquisicao%20da%20lingua%20bras%20de%20sinais.pdf.htm>>. Acesso em 11 de outubro de 2017.
- BAYER, Elis R; AMARAL, Joseane. A inclusão do surdo no ensino técnico: estudo de caso sobre a interação na cena pedagógica. **Revista interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão**, v.1, n.1, nov. 2013. Disponível em: http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/eletronica/article/viewFile/14-25/pdf_1.htm. Acesso em: 14 de novembro de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. **O tradutor e o intérprete de língua de sinais e língua portuguesa / Secretária de Educação Especial**; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília, 2004. 94 p.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº. 9394/96, 20 de dezembro de 1996. Brasília, Ministério da Educação, 1996.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**. Brasília: Congresso Nacional, 2002.
- CALLAI, Helena C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNE, Antonio. (Org.) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000. 176p.
- CARVALHO, R. **Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. 5. ed. Editora Mediação, 2012.
- CAVALCANTI, Lana de S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- CORTESÃO, Luiza. O arco-íris e o fio da navalha – Problemas da educação em face das diferenças: um olhar crítico, uma proposta de análise. In: RODRIGUES, David. (Org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. Págs.116-140.
- DENARI, F. Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão. In: RODRIGUES, David. (Org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. Págs. 36-63.

DORZIAT, A; ARAÚJO, J. R. de; SOARES, F. P. O direito dos surdos à educação: que educação é essa? In: DORZIAT, Ana. (Org.) **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. Págs. 21-60.

FREITAS, Reinado de. **Ensino de Geografia e Educação Inclusiva: estratégias e concepções**. 2008. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br/014/14freitas.PDF>>. Acesso em 02 de maio de 2017.

FREITAS, Soraia Napoleão. A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo. In: RODRIGUES, David. (Org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. Págs.162-181.

JUNIOR, Ademar M. **A inclusão do aluno surdo no ensino médio**. Vitória/ES. 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/.../tese_7273_Dissertacao.ademarmiller.FINAL.pdf.htm>. Acesso em 15 de novembro de 2017.

KOTAKI, Cristiane S; LACERDA, Cristina B. F. de. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. IN: LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos. (Orgs.) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar. 2014. Págs. 201 – 218.

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos; CAETANO, Juliana F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. IN: LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos. (Orgs.) **Tenho um aluno surdo, e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. São Carlos: EdUFSCar. 2014. Págs. 185 – 200.

LIMA, Niédja M. F. Inclusão escolar de surdos: o dito e o feito. In: DORZIAT, Ana. (Org.) **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. Págs. 143-170.

LIMA, Priscila Augusta; VIEIRA, Therezinha. **Educação inclusiva e igualdade social**. – São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: ARANTES, Valéria A. (Org.) **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. Págs.15-30.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, David. (Org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006. Págs.184-209.

MORAN, José Manuel. As muitas inclusões necessárias na educação. IN: **Tecnologias para a educação inclusiva/ Darcy Raiça (Org.); Ângela Salgado de A. Sandim... [et al.]**. – São Paulo: Avercamp,2008. Págs. 35-54.

OLIVEIRA, Livia de. O ensino/aprendizagem de geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, Nidia N; OLIVEIRA, Ariosvaldo U. de. (Orgs.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2012. Págs. 217 - 220.

PIETRO, R, G. Atendimento escolar do aluno surdo com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES,

Valéria A. (Org.) **Inclusão escolar:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. Págs. 31-73.

PONTUSCHKA, Nídia N; PAGANELLI, Tomoko I; CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação. Série Ensino Fundamental).

RAIÇA, Darcy. **Tecnologias para a educação inclusiva/** Darcy Raiça (Org.); Ângela Salgado de A. Sandim... [et al.]. – São Paulo: Avercamp, 2008.

RAMOS, Rossana. **Inclusão na prática:** eficazes para a educação inclusiva. 2. ed. – São Paulo: Summus, 2010.

SOUTO, Maricélia T. de. Educação Inclusiva no Brasil: contexto histórico e contemporaneidade. Campina Grande, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5051/1/PDF%20-%20Maric%C3%A9lia%20Tom%C3%A1z%20de%20Souto.pdf.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE QUESTÕES (INTÉRPRETE DE LIBRAS)

NOME: Emanuel da Silva Oliveira (Intérprete – IFPB)

1. Qual a sua formação profissional?
R: Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais.
2. Como você aprendeu LIBRAS?
R: No começo em uma empresa onde trabalhei, logo depois fiz vários cursos.
3. Há quanto tempo você atua como intérprete educacional?
R: Há cinco anos.
4. Você passou por algum curso de formação para atuar como intérprete educacional?
R: Sim, tenho 3 cursos direcionados a interpretação.
5. Qual é o papel do Intérprete Educacional?
R: Fazer a locução entre o professor e o aluno, como do aluno para o professor, e também do aluno com surdez para com os demais em sala de aula e fora de sala. Contribui também em atividades extraclasse e em qualquer situação acadêmica.
6. Em sua opinião as relações entre o professor e o intérprete são bem definidas?
R: Em algumas instâncias sim, pois ainda há por parte de alguns docentes a não compreensão do que é o intérprete.
7. Você participa das reuniões do planejamento pedagógico escolar?
R: Não.
8. Você auxilia o professor na elaboração da atividade prática?
R: Sim, quando encontro o devido espaço para isso e/ou sou procurado pelos mesmos.
9. Você tem acesso prévio aos conteúdos que serão trabalhados?
R: Não, já foi informado aos discentes, porém não houve êxito na reciprocidade.
10. Quando você percebe que o aluno não domina a LIBRAS o que você faz?
R: Procuo estratégias que facilite a comunicação.
11. Como tem sido a aprendizagem de professores e alunos na execução dos conteúdos geográficos com alunos surdos?
R: Sem resposta.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES (EQUIPE PEDAGÓGICA)

NOME: Maria do Socorro Saraiva (Pedagoga – IFPB)

1. Para você qual a importância do ensino da língua brasileira de sinais na escola?
R: É importante o ensino da língua brasileira de sinais na escola como condição necessária para a inclusão de alunos com deficiência auditiva.
2. O que você acha necessário para que haja a inclusão de alunos com surdez nas escolas regulares?
R: É necessária a presença do intérprete de libras, adaptação curricular e principalmente, vencerem barreiras atitudinais dos próprios profissionais.
3. A partir de que idade você acha necessário que seja iniciada o ensino de libras?
R: Quanto mais cedo melhor, até mesmo antes da alfabetização.
4. Você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para os alunos surdos?
R: Sim, é necessária a adaptação curricular no que se refere aos procedimentos didáticos, desde os objetivos até a avaliação, a fim de atender as diferenças individuais dos alunos.
5. Qual a relação que você identifica entre a Libras e as políticas de inclusão?
R: O ensino de libras e a presença do intérprete /tradutor de libras é condição primordial para se incluir o aluno surdo na escola regular. Logo, a libras faz parte da política de inclusão.
6. Você teve alguma capacitação que se tratasse sobre a Libras?
R: Já tivemos várias palestras sobre inclusão e o curso de libras (extensão) está sendo oferecido na instituição.
7. A escola possui intérprete e instrutor de libras?
R: Sim, possui dois tradutores e intérpretes de libras.
8. Esses alunos possuem algum acompanhamento especializado fora da sala de aula?
R: Os professores algumas vezes realizam aulas em turno oposto com o aluno surdo, para uma melhor assistência.
9. Em relação aos professores, você acha que eles estão preparados para desenvolver o ambiente de aprendizagem necessário para os alunos com surdez?

R: Nenhum profissional está totalmente preparado. A inclusão dos alunos com deficiências na escola regular é ainda algo novo para os profissionais da educação e a formação acadêmica não contemplava. Porém, todos têm potencial suficiente para buscar meios e formas de realizar um trabalho que promova a aprendizagem do aluno surdo.

10. Em sua opinião, o ensino de Libras deve ser uma atividade voltada somente para alunos surdos ou deve incluir todos os alunos?

R: O ideal seria o ensino de libras para todos os alunos.

11. Quais as principais dificuldades de integrar alunos ouvintes e surdos?

R: A principal dificuldade é o preconceito e a falta de solidariedade.

12. Qual a proposta da escola no sentido de inclusão de alunos surdos?

R: Existe no IFPB um setor de apoio ao aluno que tenha alguma deficiência (NAPNE- Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Especiais).

Para o aluno com deficiência auditiva, há contratação de intérprete de libras. Também tentamos fazer as devidas adaptações do currículo para que o aluno com surdo seja estimulado a ingressar, continuar e concluir o curso com o máximo de competências possíveis.

13. Quais avanços e resultados são obtidos pelo IFPB nos últimos anos?

R: Em relação à inclusão já tivemos alguns avanços como: acessibilidade, contratação de profissionais especializados, a aquisição recursos apropriados (cadeiras motorizadas, impressora de braile), a instalação do NAPNE, a e aos poucos vamos trabalhando com alunos e professores os conceitos de inclusão e a necessidade de incluir verdadeiramente todos os alunos.

14. A Equipe Pedagógica está preparada para a atenção das necessidades dos alunos surdos? Explique.

R: A equipe não teve nenhuma capacitação para isso, porém, as palestras, as leituras, a interação com pessoas mais experientes nos dão um respaldo para o trabalho. Ainda temos muito a aprender!

15. A Equipe que faz formação continuada está preparada para a orientação dos conteúdos geográficos? Explique.

R: Sem resposta.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTÕES (PROFESSOR)

NOME: Teobaldo Gabriel de Souza Júnior (Professor Geografia – IFPB)

1. Para você como é ter um aluno com deficiência em sua sala de aula?
R: É muito difícil tendo em vista que não tive uma formação específica ou treinamento para poder saber lidar com os desafios pedagógicos que se colocam diante de nós quando temos um aluno portador de deficiência/necessidade específica.
2. Você compreende sobre as limitações e as potencialidades que o aluno com deficiência possui?
R: Dependendo do tipo/grau de deficiência esta é uma leitura que pode ser feita ou não.
3. Em relação ao planejamento de suas aulas, você possui alguma dificuldade em planejar suas aulas para que o aluno com deficiência possa ser incluído nas suas atividades em sala de aula?
R: Sim, muita dificuldade devido à falta de uma formação mais específica.
4. Que tipos de estratégias você utiliza para incluir o seu aluno com deficiência em suas aulas?
R: Procuo estudar a deficiência do aluno para só então estabelecer as estratégias do ensino. Por exemplo: A necessidade de um aluno surdo difere da necessidade de um aluno cego, que conseqüentemente é diferente de um aluno que tem paralisia cerebral.
5. Quais materiais adaptados você conhece para um melhor aprendizado do aluno deficiente auditivo?
R: Materiais visuais que contribuam para a aprendizagem como figuras, mapas, e materiais em alto relevo.
6. Em sua opinião, quais informações os professores deveriam receber antes de iniciar um trabalho com alunos deficientes auditivos?
R: Uma interação geral sobre toda a deficiência do aluno, suas limitações e também dicas que contribua em como lidar com a situação.
7. De acordo com sua opinião, você acha que existem fatores que dificultam a inclusão educacional nas aulas de Geografia? Se sim ou não, quais? Explique.

R: Dependendo do tipo de deficiência, a realização de estudos de campos, por exemplo, se torna uma atividade bem difícil de executar.

8. Para você, como é trabalhar conteúdos específicos de Geografia quando existe aluno com deficiência nas suas aulas?

R: Novamente reitero que depende do tipo de deficiência, temos a exemplo de que um aluno surdo consegue enxergar os mapas que um cego não consegue ver.

9. Que tipo de fatores você acha que facilitam a inclusão do aluno com deficiência auditiva na sala de aula?

R: Posso destacar principalmente a presença de um interprete de libras, para que a troca de informações possa fluir.

10. Em sua opinião, qual a importância do uso de materiais adaptados na inclusão dos alunos com deficiência auditiva nas aulas de Geografia?

R: De total e suma importância, pois imagina um professor que não sabe libras e conseguir ensinar os conteúdos a um surdo, ou então mostrar um mapa que não tenha elementos em alto ou baixo relevo para um aluno cego a exemplo.

11. Quais os principais problemas de aprendizagem dos alunos surdos?

R: São vários, mas, o mais sério que já tive foi o caso de um aluno que a família não aceitava a sua condição, o que fez com que ele não fosse alfabetizado com a libras e tão pouco com o português, sendo que ele teve muita dificuldade de aprender na aprendizagem.

12. Como você descreveria a interação do aluno com deficiência auditiva com os demais alunos ouvintes em sua sala de aula?

R: Minha pouca experiência me permite concluir que é uma interação bem pequena, já que a maioria dos alunos não tem conhecimento e aprendizado com a língua de sinais.

13. Você recebe apoio pedagógico da escola na educação de alunos surdos?

R: Sim. Temos o acompanhamento do NAPNE (Núcleo de Apoio aos Portadores de Necessidades Específicas), junto com a constante presença de um interprete em sala de aula.

14. Existe formação continuada na escola para o desenvolvimento das aulas de Geografia para/com alunos surdos?

R: Tirando os encontros com o NAPNE não sinto que tenho uma formação continuada que habilite a lidar com alunos que possuam qualquer deficiência ou necessidade específica.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA (ALUNO SURDO)

NOME: Marcos Willian dos S. de Souza

1. Relate sobre como foi descoberta a sua surdez e qual foi o seu primeiro contato com a LIBRAS.

R: Já nasci com uma propensão à perda da audição, mais quando eu era pequeno meu irmão colocou uma pipoca em um dos meus ouvidos que então infeccionou, e ao tirar a pipoca do ouvido eu já não escutei mais nada pelo ouvido direito. Onde no ouvido esquerdo escuto apenas 7%, mais não sei explicar o motivo.

2. Quais as escolas que você já estudou?

R: Estudei na escola especial São Francisco de Assis, no Dom Moisés Coelho e hoje estudo no IFPB, todas aqui em Cajazeiras.

3. A sua família possui algum conhecimento sobre a língua de sinais? Como é a sua comunicação com a sua família?

R: A minha família não tem conhecimento com a linguagem de sinais, e se comunicam comigo oralizando.

4. Desde quando você utiliza a Libras?

R: Desde pequeno, mais sei muito pouco.

5. Quais foram as suas maiores dificuldades que você já teve durante a sua vida de estudo na escola? Já sentiu algum preconceito por ser surdo?

R: Não lembro bem das minhas dificuldades, mas sempre fazia as coisas só (provas, trabalhos e as atividades), os alunos não queriam brincar comigo.

6. O que a LIBRAS significa para você?

R: Uma forma de conseguir me comunicar com as pessoas.

7. Quais são as tecnologias que você utiliza no seu dia-a-dia? Elas contribuem para o seu aprendizado na língua de sinais?

R: As tecnologias que utilizo são celulares, computador e eles contribuem sim para o meu aprendizado.

8. Você possui alguma dificuldade de se relacionar com seus professores, colegas de sala, intérprete e equipe pedagógica?

R: Não tenho.

OBS: De acordo com informações obtidas dentro da escola, o aluno possui sim dificuldade de se relacionar, pois o mesmo por si já tenta se excluir dos demais colegas de sala, visto que ele mesmo se isola em sala de aula.

9. Você tem dificuldade de aprendizagem dos conteúdos geográficos?

R: Sim, pois sinto dificuldade com a aprendizagem dos termos geográficos.

10. Como você compreende os conteúdos geográficos?

R: Compreendo mais ou menos os conteúdos geográficos.

11. Como seu professor de Geografia realiza a aula?

R: Com explicações sobre o conteúdo, como também ele usa slides e vídeos.

12. Durante a aula ele faz atividades iguais para todos ou diferenciada com você?
Como ele faz?

R: Iguais para todos.

13. Que tipo de práticas pedagógicas você acha que facilitaria sua aprendizagem nas aulas de Geografia, como as demais disciplinas?

R: Tenho um melhor entendimento quando ele usa vídeos.

14. Desde quando você tem intérprete na sala de aula?

R: Desde 2016 quando entrei no IFPB, pois no Dom Moisés não tinha.

15. Qual a importância de ter um intérprete em sala de aula?

R: Porque eu aprendo mais a Libras e ele transmite o que o professor está explicando em Libras.